



Apontamentos

Elogio da Feijoada

Por ANTÓNIO SILVA

Sábado, 2 de Fevereiro de 2002

Os acasos da vida, e os insondáveis caprichos dos concursos de colocação de professores, fizeram-me um dia o favor de cruzarem o meu destino com o de um velho amigo que já não via desde os tempos em que nos sentávamos juntos nas carteiras do liceu. O nosso reencontro, agora como professores na mesma escola, não foi particularmente efusivo, dado que teríamos um ano inteiro para rememorar as alegrias da juventude. Ele estava mais velho e mais gordo, o que é natural, e estava também diferente: em vez daquela irreverência histriónica que só se sacia quando presente a plateia escandalizada, usava agora uma ironia desconcertante, que é a irreverência dos conformados, e, por vezes, um cinismo arrasador, que é o remorso dos irónicos.

Começámos a pôr a conversa em dia numa daquelas acções de formação obrigatórias com que frequentemente se prepara o arranque do ano lectivo. Pela minha parte, cedo facilmente a esta bizzarria de quererem determinar a minha formação por imposição administrativa, pela razão simples de que é mais económico e menos maçador sujeitar-me a duas ou três horas de formação obrigatória do que manifestar-me contra a obrigatoriedade. Sentámo-nos nas cadeiras ao fundo da sala e, enquanto o palestrante, um cientista da educação, perorava sobre ignorados mas seguramente importantíssimos assuntos, nós cochichávamos sobre o nosso passado: os amigos comuns, os percursos seguidos, as peripécias da adolescência, etc.

De repente, o meu amigo levanta-se, não sem antes se escusar com um cordial "Desculpa lá, ó António", e toma a palavra. O conclave torceu o pescoço em sincronia perfeita em direcção à última fila donde o meu amigo intervinha e, no final, o meu amigo sentou-se, a plateia concordou e nós retomámos a nossa discreta e saborosa conversa. A cena repetiu-se mais duas ou três vezes, até que eu exigi explicação. Achava espantoso como é que ele podia intervir num debate que não estava a acompanhar, como é que podia opinar sobre assuntos dos quais não tinha a menor ideia, como poderia participar numa conversa sem a seguir. Ele

SECÇÕES

[1ª Página Destaque](#)
[Editoriais A Semana](#)
[Nacional Mundo](#)
[Espaço Público](#)
[Sociedade](#)
[Educação Cultura](#)
[Desporto Economia](#)
[Media Local Lisboa](#)
[Última Página Ficha](#)
[Técnica](#)

SUPLEMENTOS

[Mil Folhas](#)
[Fugas](#)
[Só Texto](#)

Tempo

[Calvin](#) [Bartoon](#)
[Programação TV](#)

respondeu-me que aquilo era sempre a mesma coisa. O que conta, quando chegamos a uma escola nova, é a primeira impressão. Há pois que a dar. Não interessa o que se diz, interessa sim o impacto que se causa. Enche-se a boca com muitas palavras hifenizadas, é essencial falar no mínimo três ou quatro minutos, polvilha-se com umas palavras-chave tipo "implementação", "problemática", "postura", "abordagem", "taxonomia" e, para garantir que ninguém responde, o que só causaria incómodo, remata-se assim com um "noológico-qualquer coisa" ou com "ethos da não-sei-das-quantas".

Eu fiquei cilindrado e disse-lhe que de todas as suas intervenções nada de substancial havia a reter. Ele não se perturbou:

- Caro António, isto não tem nada que saber, é tal e qual como a "haute cuisine": pouca substância... e muito impacto ! ▲

OUTROS TÍTULOS EM EDUCAÇÃO

- [Professores afegãos disputam garrações de óleo](#)
- [3500 casos de violência nas escolas em 2001](#)
- [Filiados no SPRC querem aderir à CGTP](#)

CRÓNICA

- [Elogio da feijoada](#)

BREVES

- [Breves](#)